

---

# A geografia e o diálogo de saberes: Apontamentos a partir da XVIII Semana de Geografia da Universidade Estadual de Londrina<sup>1</sup>

Wladimir Cesar Fuscaldo\*

Eduardo Marandola Jr.\*\*

## Resumo

O diálogo de saberes tem sido evocado como um passo à frente em relação à interdisciplinaridade, como uma postura científica necessária e uma forma de articulação entre os saberes coerentes com o cenário complexo e incerto da sociedade e da ciência contemporâneas. Refletimos acerca dos apontamentos vislumbrados com a realização da XVIII Semana de Geografia da Universidade Estadual de Londrina, no sentido de avançar no contato da Geografia com suas interfaces, no campo da interdisciplinaridade, rumo a um possível diálogo de saberes.

**Palavras-chave:** Diálogo de Saberes, Interdisciplinaridade, Semana de Geografia

---

## GEOGRAPHY AND KNOWLEDGE DIALOGUE:

Notes from XVIII Geography Seminary of State University of Londrina

## Abstract

The knowledge dialogue know has been evoked as a step the front in relation to the interdisciplinary, as a necessary scientific position and a joint form enters to know coherent with the complex and uncertain scene of the society and science contemporaries. We reflect concerning the notes glimpsed with the accomplishment of XVIII Geography Seminary of State University of Londrina, in the direction to advance in the contact of Geography with its interfaces, in the field of the interdisciplinary, route to a possible knowledge dialogue.

**Key Words:** Knowledge Dialog, Interdisciplinary, Geography Seminary

---

## INTRODUÇÃO

O diálogo de saberes é uma ânsia que tem sido buscada há muito tempo na ciência, apesar da orientação fragmentária da ciência moderna. Esta busca não se deu, necessariamente, com este conceito, mas a necessidade de buscar formas de articulação entre os conhecimentos esteve entre as preocupações de diversos pensadores. Contudo, esta preocupação esteve mais frequentemente associada à articulação entre os conhecimentos

científicos, não havendo atenção às outras formas de conhecimento, como a arte, a religião e o senso comum. O diálogo de saberes, conceito que emerge no final do século XX, busca incorporar também estas outras formas de saber, numa relação dialogada baseada no respeito a *outridade* e à diversidade. (LEFF, 2000a)

Quando nos propomos, como agora, a refletir sobre o significado de um evento já tradicional em nossa universidade, a décima oitava edição da

---

\* Coordenador do evento, Professor do Departamento de Geociências, Universidade Estadual de Londrina (UEL). fuscalve@uel.br.

\*\* Vice-coordenador do evento, Licenciado e Bacharel em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e Mestrando em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). marandola@yahoo.com.

Semana de Geografia da Universidade Estadual de Londrina (UEL), estas questões também vêm à tona, pois a temática colocada em tela revela justamente esta ânsia, presente tanto na Geografia quanto em outras ciências, de ampliar as interfaces e o diálogo entre os saberes e entre si. Neste sentido, fazemos neste texto, além do relato da organização e da programação do evento, alguns apontamentos acerca de dois aspectos: a dimensão nacional alcançada pelo evento e em que medida este evento possibilitou ou materializou as relações entre a Geografia e o diálogo de saberes.

## IDÉIAS E CAMINHOS DE UM EVENTO

O que eu creio é que estamos diante de um paradoxo, ou seja, que o finito clama pelo infinito. Sem dúvida, é nossa finitude que cria o infinito. Eu diria que é a perda irremediável do infinito no qual acreditamos, no qual teríamos querido penetrar, participar, que nos aflige. Mas eu repito, o infinito reaparecerá como um deste lado, como um do outro lado. Ele está aqui, ele está aqui em todo o caso, como nostalgia, como apelo, como pressentimento e como sentimento, no seio de nossa finitude. (MORIN, 2001, p. 110)

Nesta epígrafe, Morin, um dos grandes expoentes da ciência contemporânea, expõe de maneira cândida a situação em que nos encontramos, como um todo, atualmente. Este paradoxo diante do clamor pela infinitude, oriundo de nossa finitude, recém descoberta por nós, segundo o autor, é uma das formas de indicação de todo o cenário incerto e de re-significação de nossos valores e concepções pelo qual estamos passando. Nessa aflição que nos atinge, a revogação do caráter único da ciência como verdade e como instrumento de legitimação de conhecimentos nos transmite este sentimento paradoxal de reconhecimento da finitude de nossas possibilidades e de nosso planeta e, ao mesmo tempo, o desejo do contínuo progresso das idéias, das técnicas e de todo o ecúmeno tecnológico humano.

No seio deste paradoxo é que vivemos, e são nestas idéias que procuramos inserir nossas próprias preocupações e angústias, que não são apenas nossas, mas estão presentes no cenário científico contemporâneo. Neste sentido, assumimos alguns

pressupostos que nortearam tanto a concepção da proposta quanto a própria estruturação do evento:

1. A ciência e a sociedade contemporâneas atravessam um momento de crise da civilização ocidental, que se reflete no questionamento das ordens estabelecidas e uma re-discussão dos rumos do desenvolvimento, dos paradigmas científicos e da própria ética (HELLER, 1999; LEFF, 2001; SANTOS, 2000; FOLTZ, 2000);

2. Esta crise, no campo científico, implica no questionamento do paradigma moderno e na condição de verdade (certeza) do conhecimento científico (SANTOS, 2000; HORGAN, 1998), significando o reconhecimento de que em nossa época esgotam-se as certezas e a insegurança, a impotência e a imprevisibilidade são algumas das conseqüências da modernidade que atingem todas as pessoas (PRIGOGINE, 1996; BECK, 1992; GIDDENS, 1991);

3. Este cenário apresenta à ciência o caminho do diálogo, buscado através das “multi”, “inter”, e “trans” disciplinaridade, marca fundamental da ciência do final do século XX e início do século XXI, que passa a discutir as relações e embates entre o pluralismo e o monismo teórico e epistemológico da ciência (MARTINELLI, ON e MUCHAIL, 1995) e a complexidade inerente à sociedade contemporânea, ao homem, ao planeta e à suas múltiplas e dinâmicas relações (MORIN, 2000; PRIGOGINE & STENGERS, 1997);

4. Esta necessidade reconhecida, porém, não consegue avançar muito além da teoria, o que gera um intenso debate acerca de sua operacionalização e das possibilidades de se alcançar efetivamente estas formas de integração científica (PHILIPPI JR. et al, 2000; LEFF, 2000b);

5. Dada esta dificuldade, aponta-se para a possibilidade de articulação entre os saberes através do diálogo, como um avanço a ser construído, mas que pode não apenas resgatar os saberes desprezados pela modernidade, como também integrar os esforços em busca de uma realidade ambiental mais estimulante e positiva do que a que se apresenta à humanidade hoje (LEFF, 2000a; SANTOS, 2000).

Embora tenhamos assumido estas análises como pressupostos, a idéia era colocá-las também em discussão, sendo na verdade um grande norte para a estruturação de nossas preocupações. A partir

disso, a XVIII Semana de Geografia<sup>2</sup>, procurou estruturar seus trabalhos a partir do entendimento de que a Geografia tem transitado entre as Ciências Naturais e Sociais, com fundamento em postulados filosóficos, procurando uma compreensão sistemática do espaço produzido pela sociedade, através do desvendamento dos processos envolvidos nessa produção e a compreensão da amplitude e da multiplicidade da experiência humana sobre a Terra. Essa característica tem levado a Geografia a um diálogo com as demais ciências e com outras formas de saber, conferindo aos seus métodos e à sua prática uma característica interdisciplinar.

Foi com o propósito de abrir espaços para esse caminhar em direção a um diálogo de saberes que propusemos o tema, visando aprofundar a discussão em torno desta temática no interior da ciência geográfica, reafirmando a sua identidade, bem como a valorização de outras formas de saber, como a religião, a arte e o senso comum, buscando ampliar as possibilidades teórico-metodológicas de estudo.

A realização de trabalhos aplicados e pesquisas acadêmicas muitas vezes ficam restritas ao grupo ou grupos que delas participam, tornando-se necessária realização de eventos que possibilitem a troca de conhecimentos e a ampliação dos horizontes.

A partir desses pressupostos, organizamos a Semana estabelecendo como objetivos proporcionar atividades e espaços diferenciados de discussão e reflexão sobre a temática proposta. Neste sentido, torna-se importante estimular os estudantes dos cursos de graduação em Geografia, de Especialização e de Mestrado mantidos pelo Departamento de Geociências e os profissionais de Geografia, bacharéis e licenciados, a desenvolver estudos e pesquisas na temática proposta, possibilitando o contato com pesquisadores, das diversas áreas do conhecimento, do Brasil e do exterior, além de integrar profissionais, estudantes e pesquisadores, das diversas áreas de conhecimento e das diversas instituições locais, estaduais e nacionais.

## ORGANIZAÇÃO, REALIZAÇÃO E DESDOBRAMENTOS

Perseguindo estas idéias, procuramos estruturar o evento buscando agregar pessoas do maior

número possível de formações, lugares e interesses, tanto para compor as mesas e proferir conferências e mini-cursos, quanto para apresentar trabalhos e participar do evento.

O tema geral foi dividido em cinco eixos temáticos: *Geografia, Ciência e Filosofia; Interdisciplinaridade e Métodos Científicos; Transdisciplinaridade e Educação; Estudos Ambientais e Diálogo de Saberes; e O Rural e o Urbano: interfaces*. Estes nortearam o envio de trabalhos, os Espaços de Diálogo (EDs), as mesas redondas, as conferências e os mini-cursos.

O evento contou com **485 inscritos**, superando em mais de 100% o número de inscritos na edição passada (XVII Semana, 2001<sup>3</sup>), bem como nossas expectativas iniciais que eram de 400 inscrições, constituindo-se num recorde de participação na história do evento.

A realização do evento com a estrutura organizacional proposta, já desde a última edição, mostrou novamente sua eficácia: compor um grupo de alunos e professores integrados e atuantes com distribuição clara de tarefas e competências a cada subgrupo, permitindo um trabalho realmente participativo, criativo e prazeroso. Novamente, nossa experiência mostrou o quanto é necessário realização de atividades nas quais os alunos atuem com poder de decisão, valorizando suas propostas e ações. Foi graças a esse procedimento que o evento adquiriu o porte apresentado nessa edição.

Quanto à abrangência, nesta edição, o evento assumiu proporções nacionais, consolidando um processo que se iniciou em 2001, quando tivemos a participação de pessoas de quatro estados e de aproximadamente 10 cidades. Neste ano, foram **25 as cidades** de origem dos inscritos e **19 as cidades** das quais os trabalhos foram enviados, localizadas em **sete estados** da federação, de quase todas as regiões do país: Paraná, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro, Goiás, Pará e Santa Catarina.

O total de **178 trabalhos inscritos** foram apresentados em **oito EDs**, consolidando essa forma de apresentação de trabalhos como uma das mais produtivas quanto à participação e ao desenvolvimento do conhecimento científico, resultando em um intenso processo de debates dos **cinco eixos temáticos** propostos, envolvendo todos aqueles que inscreveram seus trabalhos, outros participantes e os respectivos coordenadores.

Os trabalhos foram assim distribuídos:

§ *Ambiente e Saúde Urbana*, com **19 trabalhos**;

§ *Recursos Naturais e Análise Ambiental*, com **15 trabalhos**;

§ *Cultura, Turismo e Meio Ambiente*, com **13 trabalhos**;

§ *Mundo Agrário: Interfaces e Permanências*, com **27 trabalhos**;

§ *Geografia, Ciência e Filosofia*, com **27 trabalhos**;

§ *Transdisciplinaridade e Educação*, com **36 trabalhos**;

§ *Dilemas e Perspectivas da Gestão Urbana*, com **23 trabalhos**; e

§ *Desenvolvimento Regional: o Agrário, o Urbano*, com **18 trabalhos**.

Os trabalhos foram publicados em forma de livro, organizado da mesma maneira em que foram apresentados, ou seja, a obra possuiu oito partes, correspondentes aos oito ED's realizados. (MARANDOLA JR., FUSCALDO & FERREIRA, 2002)

Foram realizados **sete mini-cursos e três oficinas**, tanto na parte da manhã quanto da tarde, quase todos com suas vagas iniciais preenchidas, obrigando-nos a ampliá-las quando foi possível, como no caso da oficina 1, *Alquimia do papel: reciclagem de papel e educação ambiental*, para a qual tivemos de abrir uma turma extra, ocorrida pela manhã, e a oficina 3, *Geografia Bíblica*, que teve seu número de vagas ampliado de 20 para 60. Os mini-cursos e as oficinas foram os seguintes:

§ Curso 1: *Aplicações do sistema de cartografia temática SAMBA-Philcarto*, **Hervé Théry** (Geógrafo, Centre National de la Recherche Scientifique/CNRS/Paris), **Neli Aparecida de Mello** (Geógrafa, Pesquisadora convidada da École Nationale Supérieure de France/Paris);

§ Curso 2: *As políticas públicas para o ensino de Geografia*, **Carolina Machado R. B. Pereira** (Geógrafa, Mestranda em Geografia/UNESP/Presidente Prudente);

§ Curso 3: *Avaliação: desafio cotidiano da prática escolar*, **Silza Maria P. Valente** (Pedagoga, Núcleo de Estudos em Avaliação Educacional/CECA/UUEL);

§ Curso 4: *A Geografia dos Compositores: introdução à imaginação musical*, **Lúcia Helena B. Gratão** (Geógrafa, Depto. de Geociências/CCE/UUEL);

§ Curso 5: *Biodiversidade e Fragmentação de Habitats*, **José Marcelo Torezan** (Biólogo, Depto. de Biologia Animal e Vegetal/CCB/UUEL);

§ Curso 6: *Ética, cultura e ecologia: responsabilidade antropocômica*, **Lourenço Zancanaro** (Filósofo, Depto. de Filosofia/CCH/UUEL);

§ Curso 7: *A paisagem enquanto recurso turístico*, **Maria del Carmen M. H. Calvente**; **Aline Cristina Gonçalves**; **Juliane Aparecida Casagrande**; **Érica Mantovani Martins**; **Cíntia Maria Zangioli**; e **Cibele Curotto Martins** (Geógrafa, Depto. de Geociências/CCE/UUEL e estagiárias do Projeto TERNOPAR, do Depto. De Geociências/CCE/UUEL);

§ Oficina 1: *Alquimia do papel: educação ambiental e reciclagem de papel*, **Helena Oliveira** (Artista Plástica e Educadora Ambiental, Papel do Cerrado, Brasília);

§ Oficina 2: *Introdução à fotografia*, **José Marques Neto** (Técnico em Fotografia, Depto. de Artes/CECA/UUEL);

§ Oficina 3: *Geografia bíblica: para compreender o Oriente Médio*, **Rosely Sampaio Archela** e **Mirian Vizintin Fernandes Barros** (Geógrafas, Depto. de Geociências/CCE/UUEL).

A oficina 1 representa uma das propostas de continuidade do evento: a instalação permanente de uma oficina de produção de papel reciclável na UEL, como parte de um Programa de Gerenciamento de Resíduos Sólidos e Coleta Seletiva, um dos programas previstos no Planejamento Ambiental do campus, em fase de elaboração. Seus objetivos são os de possibilitar o treinamento e a educação ambiental de alunos e público externo (pessoal das ONGs de Coleta Seletiva da cidade, por exemplo) através da reciclagem de papéis e outros materiais, produzindo papel reciclado de forma permanente e mantendo cursos de formação nesta atividade.

A programação científica do evento, ocorrida no período noturno, foi composta de **três mesas-redondas e duas conferências**: uma de abertura, proferida pelo geógrafo **Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro**, ex-professor de graduação e pós-graduação da Universidade de São Paulo (USP), que falou acerca do tema geral do evento. O Professor Monteiro trafegou fluentemente pela filosofia, história da arte e Geografia, dando uma perspectiva complexa e abrangente das possibili-



dades de diálogo entre Geografia, Arte e Filosofia. A conferência de encerramento, na sexta-feira, foi proferida pelo professor **Hervé Théry**, geógrafo do Centre National de la Recherche Scientifique – CNRS, de Paris, sobre o tema *Ciências sociais e a identidade da Geografia*, que fez uma interessante interlocução com as três mesas-redondas realizadas, apontando a importância da identidade de nossa ciência e a necessidade de simplificar o complexo. Para isso, o Professor Théry enfatizou a utilização de cartas e mapas temáticos, que não podem ser abandonados pelos geógrafos, não apenas por ser um dos elementos da identidade da disciplina, mas também pela sua capacidade de simplificar o complexo e de comunicar inúmeros fenômenos de estudo tanto dos geógrafos quanto de outras ciências.

Quanto às mesas, tivemos na terça-feira a mesa-redonda *A complexidade e a transdisciplinaridade na Ciência e na Educação*, com a participação do educador, pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade do Oeste de Santa Catarina, **Roque Strieder**, a geógrafa do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás, **Lana de Souza Cavalcanti**, e o biólogo e educador **Marcos Reigota**, da Universidade de Sorocaba. Foi um dos pontos altos do evento, num diálogo rico que passou desde as teorias da física até os estudos literários e a educação. Na quarta-feira, a discussão foi em torno do tema *Geografia e conhecimento estratégico: Ciência, Política e Religião*, com a participação do geógrafo da AGB-Curitiba, **Zeno Crocetti** e do historiador da Universidade Estadual de Maringá, **José Henrique Rollo Gonçalves**, onde os professores levantaram importantes questões contemporâneas, sem distinção de uma leitura geográfica ou histórica dos acontecimentos mundiais que envolvem tanto a ciência quanto a política e a religião. Por fim, na quinta-feira, tivemos a mesa-redonda intitulada *Estudos Ambientais: rumo ao diálogo de saberes?*, com a participação do engenheiro civil da Universidade Estadual de Londrina, **Fernando Fernandes**, do cientista social **Daniel Joseph Hogan**, pró-reitor de Pós-graduação da Universidade Estadual de Campinas, e da geógrafa **Neli Aparecida de Mello**, pesquisadora convidada da École Nationale Supérieure de France, em Paris.

Nesta mesa, foram apresentados casos específicos de pesquisa e organização institucional que buscaram o trabalho dialogado em seu desenvolvimento, mostrando algumas das formas em que este diálogo, no campo ambiental, já tem sido alcançado com relativo sucesso.

A composição das mesas foi orientada para promover o diálogo de saberes, buscando pessoas de outras formações que não a Geografia e com visões de mundo e ciência diversas, para que houvesse o confronto e diálogo entre formas de conhecimento. Assim, as **300 pessoas**, que em média estiveram presentes, puderam testemunhar este confronto que produziu importantes indagações e reflexões múltiplas.

Promovemos também diversas atividades culturais, no esforço de aproximar as manifestações artísticas e culturais e seus saberes da universidade, como a exposição de artes plásticas cujo tema foi *Arte e Ciência*, com a participação de artistas plásticos da cidade e região; a apresentação do Grupo *Retalhos de Cultura Populá*, formado por alunos, professores, funcionários e artistas da cidade que vêm trabalhando no resgate e apresentações de danças populares do norte e nordeste do Brasil; a mostra paralela, organizada por um grupo de alunos de graduação, o II FAGEO (Festival Alternativo da Geografia), com o tema *Um diálogo entre imagens e olhares*, com exposição de fotos, instalações e apresentações musicais que aconteceram ao longo da Semana, ocupando espaços vagos na programação geral do evento e realizada nos corredores das salas onde ocorriam os mini-cursos e espaços de convivência entre os blocos do CCE (Centro de Ciências Exatas); além da apresentação do Núcleo de Música Antiga da UEL, que precedeu a conferência de abertura, e a apresentação teatral do Grupo de Teatro Experimental Phábrica, antecedendo a conferência de encerramento.

Contudo, foi nos ED's que a busca do diálogo de saberes foi alcançada de forma mais evidente e frutífera. Além da ativa participação dos alunos e professores da graduação e pós-graduação mantidos pelo Departamento de Geociências, num total de **85 trabalhos apresentados**, tivemos **18 trabalhos** de alunos e docentes de outros cursos e departamentos da UEL, além de **6 trabalhos** de pessoas de instituições de ensino e pesquisa da

cidade e **64 trabalhos** de alunos e professores de instituições de ensino superior de outras cidades e estados. Nesta amplitude de pessoas, oriundas de diversas realidades espaciais, sociais e culturais, a diversidade se acentua no que se refere à área do conhecimento a que estas estão vinculadas. Tivemos contribuições de pessoas oriundas de **20 áreas do conhecimento**, a saber: Arquitetura, Psicologia, Pedagogia, Relações Públicas, Agronomia, Serviço Social, História, Ciências Sociais, Filosofia, Engenharia Civil, Direito, Química, Biologia, Ciências da Informação, Música, Letras, Geologia, Meteorologia, Economia e Informática. Sem dúvida, a confrontação e discussão dos trabalhos num ambiente tão rico e diverso, aproximou os pesquisadores e seus interesses, possibilitando que alguns passos fossem dados na direção do diálogo efetivo de saberes e pesquisadores, buscando sempre a ampliação das fronteiras do conhecimento.

O principal aspecto desta dinâmica é que o **Espaço de Diálogo**, como o próprio nome salienta, reúne pesquisadores em torno de um tema central, como um fio condutor, gerando o debate dos trabalhos, revelando-se assim os pontos comuns, os embates e as especificidades. Dessa forma, metodologias e teorias são discutidas e exemplos específicos são enfocados. Outro fator importante é o tempo que se reservou a esta atividade. Ao invés de alguns minutos para exposição e debate, os pesquisadores se reúnem durante várias manhãs, possibilitando o tempo necessário para se conhecerem e discutirem questões pertinentes e de interesse mútuo. É baseado nestas qualidades dos ED's, vividas por quem esteve presente, que acreditamos estar, nesta forma de organização, uma das principais possibilidades de diálogo entre os pesquisadores e os saberes apontadas por este evento.

Os números mencionados superaram em muito os alcançados no evento de 2001. O quadro das áreas do conhecimento envolvidas, por exemplo, ampliou-se de 13 para 20, aumentando assim as possibilidades de diálogo. Este aumento é reflexo da maior participação tanto de professores e alunos da graduação e das pós-graduações do próprio Departamento de Geociências, quanto do maior interesse despertado no âmbito nacional e na própria universidade, refletido no total de 178, mais que dobrando os 87 trabalhos do evento anterior

(ver Tabela 1 e figuras 1 e 2). No entanto, ainda há margem para intensificar o diálogo interno e externo entre os pesquisadores, os alunos e professores, principalmente referente aos cursos de especialização e aos alunos que estão desenvolvendo ou defenderam trabalhos de conclusão de curso de bacharelado em Geografia, cuja participação ainda continua muito pequena.

Estes dados demonstram também o grande interesse na temática, na Geografia e fora dela, e as possibilidades que se abriram para a ampliação do diálogo entre os saberes e os pesquisadores.

## **DIÁLOGO DE SABERES: HORIZONTES GEOGRÁFICOS, NOSSOS HORIZONTES?**

Já que atribuímos ao “vislumbre de novas possibilidades” a condição de maior aprendizado da XVII Semana de Geografia, de 2001 (FUSCALDO & MARANDOLA JR., 2002), apontando para a necessidade de dialogar e buscar companheiros para nos apoiar em nossas jornadas científicas, qual é o grande aprendizado desta edição? O diálogo foi buscado e as dificuldades vieram junto com os sucessos. Se há problemas ao se buscar confluência de teorias e métodos, no campo teórico e institucional, o que se viu nas mesas e nos ED's foi a discussão além das fronteiras. As temáticas foram abordadas sem necessidade de fixação de limites disciplinares ou de ressalvas referentes às análises. O diálogo foi estabelecido, na busca do entendimento das problemáticas em pauta, com esforço mútuo de compreender a diversidade de fenômenos que estão à nossa volta na sociedade contemporânea. Os temas-problemas não tiveram tratamentos disciplinares, assim como houve contribuições significativas no sentido de trabalhar equipes múltiplas, dialogando e produzindo conhecimento de forma integrada.

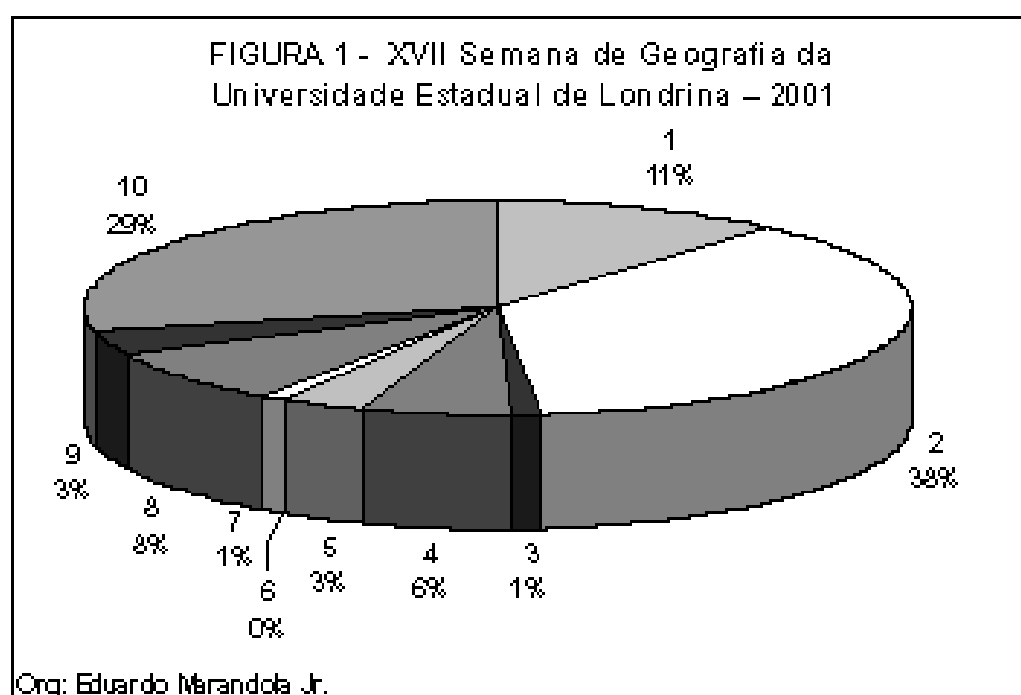
Contudo, um ponto que precisa ser melhor discutido e focado é a institucionalização destas preocupações e abordagens. Hogan & Philippi Jr. (2000) registram a dificuldade desta ligação principalmente na estrutura das universidades, que agregam os pesquisadores por departamentos. Os autores apontam uma solução que tem sido empregada nas universidades brasileiras, apesar de suas dificuldades: a criação de núcleos interdisciplinares

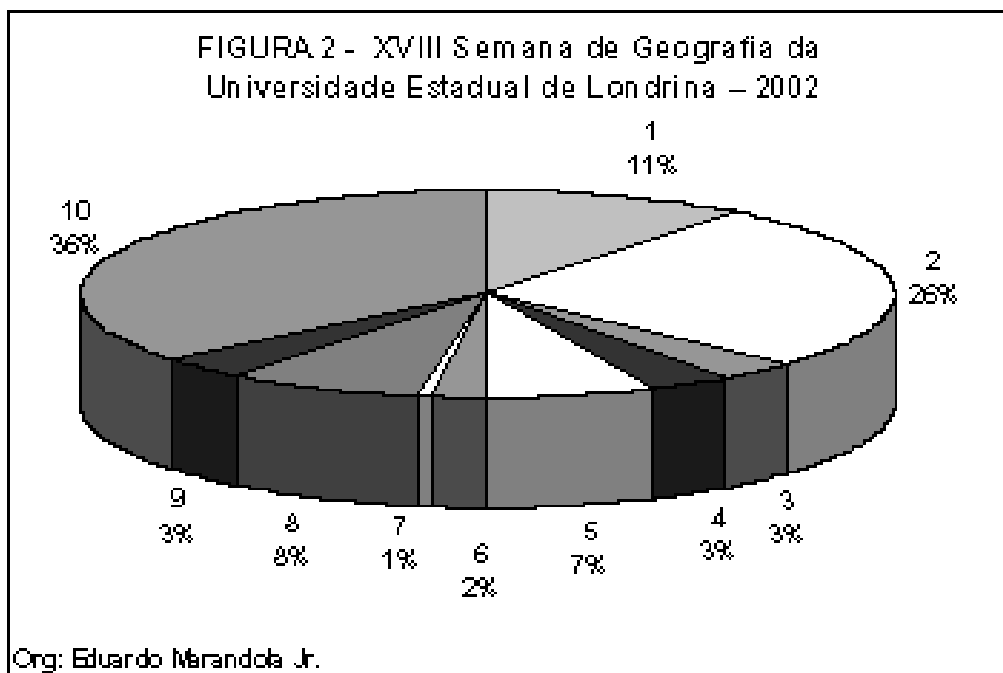
<b>TABELA 1: Trabalhos apresentados nas Semanas de Geografia da Universidade Estadual de Londrina – 2001 e 2002.</b>		
<b>Trabalhos apresentados por</b>	<b>XVII Semana de Geografia (2001)</b>	<b>XVIII Semana de Geografia (2002)</b>
Professores do Departamento de Geociências da UEL	10*	19#
Alunos de graduação em Geografia	32	47
Alunos que estão desenvolvendo ou defenderam monografia de conclusão de curso de bacharelado em Geografia	1	5
Professores de outros departamentos da UEL	5	6
Alunos de outros cursos da UEL	3	12
Alunos do curso de Especialização em Ensino de Geografia	-	4
Alunos do curso de Análise Ambiental em Ciências da Terra	1	1
Alunos do curso de Mestrado em Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento	7	14
Professores e pesquisadores de outras instituições de Londrina	3§	6
Alunos de graduação e pós-graduação e professores de instituições de ensino superior de outras cidades e Estados	25	64
<b>Total</b>	<b>87</b>	<b>178</b>

\* Apresentados por sete professores.

# Apresentados por 14 professores.

§ Três dos seis pesquisadores de outras instituições também são alunos do curso de Mestrado, havendo assim uma alteração em relação ao número publicado anteriormente. (FUSCALDO & MARANDOLA JR., 2002)





e interdepartamentais, ligados diretamente ao órgão máximo da universidade. Relatam algumas experiências positivas, apontando estes núcleos como ponto focal para a articulação de pesquisadores e a consolidação de grupos de pesquisa que, nas ciências humanas, freqüentemente têm dificuldade de se consolidar devido à ausência de uma base material e infra-estrutura de pesquisa. Além disso, os núcleos são formados em geral num esforço de enfrentar realidades de uma forma mais complexa, agregando diversas dimensões e perspectivas ao estudo, promovendo o diálogo e a articulação dos saberes.

Contudo, esta prática, como o próprio diálogo de saberes, ainda está em construção, a exemplo do Núcleo de Estudos do Meio Ambiente – NEMA, da Universidade Estadual de Londrina, e outros semelhantes em outras universidades, além de outros esforços institucionais que têm operado neste sentido, como o Subprograma de Ciências Ambientais do Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Ministério da Ciência e Tecnologia do Ministério de Ciência e Tecnologia (PADCT/MCT), que tem procurado não apenas promover o debate em torno da interdisciplinaridade, mas também criar mecanismos institucionais para que ela seja alcançada.

Hogan (2000) registra ainda alguns problemas concretos que a prática de alguns grupos

interdisciplinares consolidados apontam como sendo necessário considerar, como a definição de uma área comum, um elo entre os pesquisadores, a capacidade do coordenador de gerir os trabalhos e evitar embates, a convivência relacionada a um espaço físico de encontros e a integração de jovens, que geralmente estão mais dispostos e são mais flexíveis aos desafios destes trabalhos integrados.

Desta maneira, além de um debate teórico em torno do como chegar ao diálogo de saberes, é necessário pensar e discutir internamente, a um grupo que se pretende consolidar, as formas pelas quais este diálogo poderá ser alcançado no dia-a-dia da pesquisa, consolidado no momento da redação do trabalho e na divulgação deste, pois, se a ciência tenta pensar o diálogo de saberes e os pesquisadores tentam promovê-lo através de suas pesquisas e eventos, as instituições talvez sejam as mais “atrasadas” em conseguir acompanhar e promover locais e estruturas condizentes com estas necessidades contemporâneas.

Na Geografia, temos uma tradição em trabalhar em equipes, desde as grandes “Geografias Universais” européias, que foram esforços integrados de buscar abordar todo o ecúmeno, até os encontros da AGB (Associação dos Geógrafos Brasileiros), nas suas primeiras décadas, quando os geógrafos se reuniam em alguma cidade de fronteira e ali ficavam semanas para estudar e conhecer as dinâmicas que



ordenavam e organizavam aquele território. O desafio que se coloca agora é transgredir as fronteiras de nossa ciência, e buscar esta integração, teórica e metodologicamente, além da Geografia e além da ciência.

O debate desenvolvido durante o evento mostrou tanto os elementos teóricos da problemática quanto os exemplos práticos de grupos de pesquisa integrados. Conseguir fazer a ligação entre estes marcos é fundamental para que possamos alcançar efetivamente trabalhos que consigam articular de maneira dialogada não apenas os conhecimentos e as realidades, mas também os pesquisadores e as instituições. E é certamente nestas direções que este evento apontou.

Talvez, então, o grande aprendizado deste evento tenha sido o de apontar que as novas possibilidades de diálogo podem se tornar nossos próprios horizontes, científicos e geográficos, neste caminhar incessante em busca da ampliação do conhecimento acerca dos fenômenos que envolvem as relações entre os homens em sociedade e entre o homem e a sua morada, seu ambiente e sua cultura.

#### NOTAS

<sup>1</sup> Evento financiado pela Fundação Araucária, realizado no Centro de Letras e Ciências Humanas e no Departamento de Geociências, com apoio do Centro de Ciências Exatas (UEL), de 16 a 21 de setembro de 2002.

<sup>2</sup> Nesta edição, o evento contou com o apoio do Laboratório de Pesquisas Urbanas e Regionais, das especializações em Ensino de Geografia e em Análise Ambiental em Ciências da Terra, além do Grupo de Pesquisa Imagens, Paisagens e Personagens (IMAP&P), todos do Departamento de Geociências/CCE/UEL.

<sup>3</sup> Para detalhes sobre este evento, ver Fuscaldo & Marandola Jr. (2002).

#### REFERÊNCIAS

BECK, U. *Risk society: towards a new modernity*. (Trad. M. Ritter). London: Sage, 1992. 260p.

FOLTZ, B. V. *Habitar a Terra: Heidegger, ética ambiental e a metafísica da natureza*. Lisboa: Instituto Piaget, 2000. 230p.

FUSCALDO, W. C. & MARANDOLA JR., E. Notas sobre a XVII Semana de Geografia da Universidade Estadual de Londrina. *Geografia: Revista do Departamento de Geociências*, Londrina, v.11, n.1, p.141-145, jan./jul. 2002.

GIDDENS, A. *As conseqüências da modernidade*. (Trad. R. Fiker). São Paulo: UNESP, 1991. 177p.

HELLER, A. Uma crise global da civilização: os desafios futuros. In: \_\_\_\_\_; et al. *A crise dos paradigmas em ciências sociais e os desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999. p.13-32.

HOGAN, D. J. Síntese da prática em grupos consolidados. In: PHILIPPI JR., A.; TUCCI, C. E. M.; HOGAN, D. J.; NAVEGANTES, R. (Eds.). *Interdisciplinaridade em ciências ambientais*. São Paulo: Signus, 2000. p. 246-253.

\_\_\_\_\_. & PHILIPPI JR., A. A importância de núcleos interdisciplinares em ensino, pesquisa e extensão. In: PHILIPPI JR., A.; TUCCI, C. E. M.; HOGAN, D. J.; NAVEGANTES, R. (Eds.). *Interdisciplinaridade em ciências ambientais*. São Paulo: Signus, 2000.

HORGAN, J. *O fim da ciência: uma discussão sobre os limites do conhecimento científico*. (Trad. R. Eichemberg). São Paulo: Cia. das Letras, 1998. 363p.

LEFF, E. *Saber ambiental: sustentabilidad, racionalidad, complejidad, poder*. 2ed. Mexico: Siglo XXI: UNAM, 2000a. 285p.

\_\_\_\_\_. (Coord.). *Los problemas del conocimiento y la perspectiva ambiental del desarrollo*. 2ed. Mexico: Siglo XXI, 2000b. 409p.

\_\_\_\_\_. *Epistemologia ambiental*. (Trad. S. Valenzuela). São Paulo: Cortez, 2001. 240p.

MARANDOLA JR., E.; FUSCALDO, W. C.; FERREIRA, Y. N. (Orgs.). *Geografia, Ciência e Filosofia: interdisciplinaridade e interfaces de conhecimento – contribuições científicas da XVIII Semana de Geografia da Universidade Estadual de Londrina*. Londrina: Humanidades, 2002. 556p.

MARTINELLI, M. L.; ON, M. L. R.; MUCHAIL, S. T. (Orgs.). *O uno e o múltiplo nas relações entre as áreas do saber*. São Paulo: Cortez, 1995. 172p.

MORIN, E. *Ciência com consciência*. 4ed. (Trad. M. D. Alexandra e M. A. S. Dória). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. 344p.

\_\_\_\_\_. Os infinitos nos dias de hoje. In: PENA-VEJA, A.; ALMEIDA, C. R. S.; PETRAGLIA, I. (Orgs.). *Edgar Morin: ética, cultura e educação*. (Trad. M. H. C. V. Tryklinski). São Paulo: Cortez, 2001. p. 105-110.

PHILIPPI JR., A.; TUCCI, C. E. M.; HOGAN, D. J.; NAVEGANTES, R. (Eds.). *Interdisciplinaridade em ciências ambientais*. São Paulo: Signus, 2000. 318p.

PRIGOGINE, I. *O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza*. São Paulo: UNESP, 1996. 199p.

\_\_\_\_\_. & STENGERS, I. *A nova aliança: metamorfose da ciência*. 3 ed. (Trad. M. Faria e M. J. M. Trincheira). Brasília: UNB, 1997. 247p.

SANTOS, B. de S. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000. 415p.